

Reportagens: o ambiente do diálogo com as fontes e da resignificação da realidade¹

Jaqueline Lemos MARTINS²
Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo traz parte dos resultados de uma pesquisa desenvolvida para a tese de doutorado *O autor e o narrador nas tessituras da reportagem* (MARTINS, 2016). A partir da experiência de dez repórteres, mergulhamos nos procedimentos, regras que balizam as rotinas de trabalho desde o momento da pauta, passando pela apuração e pela elaboração do produto final. Por meio do método de análise cultural de reportagem, observamos o *modus operandi* de cada repórter, estabelecemos conexões da arquitetura do fazer no texto jornalístico e verificamos elementos de dialogia e de polifonia que as reportagens explicitam a partir dos diálogos estabelecidos com a fontes, apontando limites e potenciais de resignificação da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: reportagem; repórter; dialogia; polifonia;

Texto nobre do jornalismo. A reportagem é o espaço da dialogia e da polifonia na busca pela resignificação da realidade no mundo contemporâneo. Ainda que a imprensa na sua forma impressa tenha mais de meio milênio de história no mundo ocidental (informes manuscritos têm registros de mais longa data), o repórter e a reportagem – sujeito e obra – se fazem presentes somente como uma faceta um tanto mais contemporânea no campo jornalístico.

É desnecessário um tom genesisista que, ingenuamente, busque cravar uma data fundante para o nascimento da reportagem. Pouco provável que pesquisadores possam ter tal capacidade. Entretanto, se fitarmos o olhar para terras brasileiras, sem alargar os horizontes para outras fronteiras, vale ter o

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/USP. Professora e coordenadora de cursos na Universidade São Judas Tadeu/SP, e-mail: prof.jaquelemos@usjt.br

contexto histórico dos primeiros anos do século XX como uma referência a ser observada.

Vamos a um sujeito-repórter emblemático. João do Rio, nascido João Paulo Alberto Coelho Barreto em 1881, na rua do Hospício, 284, na cidade do Rio de Janeiro, filho de um matemático positivista. Menino mestiço, homossexual, desejoso de trilhar uma carreira na diplomacia, segue mesmo o mundo das letras nos jornais. Em 1904, na *Gazeta de Notícias*, publica uma série de textos posteriormente editados em livro com o título *As religiões no Rio*³. Pelo menos cinco anos antes, João do Rio publicava na imprensa carioca. Entretanto, a série *As religiões no Rio* expõe o olhar do autor para o campo da observação e inaugura seu método etnográfico de ir às ruas. Ou seja, revela o repórter e a reportagem.

“Como jornalista que era, João do Rio, particularmente, desenvolveu uma sensibilidade etnográfica que lhe permitiu captar vários mundos pelos quais transitava no Rio de Janeiro de sua época” (2008, p.02). É o que escreve o antropólogo Gilberto Velho, no prefácio da obra *De olho na rua: a cidade de João do Rio*, cuja origem é a dissertação de mestrado de Julia O’Donnell, defendida no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do UFRJ.

Ao trazer João do Rio para o centro de suas reflexões para pensar os aspectos da antropologia urbana, a pesquisadora apresenta-nos o jornalista:

João do Rio tinha no jornalismo sua profissão, o que o diferenciava da esmagadora maioria de seus predecessores (como Machado de Assis, Aloísio de Azevedo, Olavo Bilac e tantos outros) que viam as redações como um complemento financeiro às suas atividades principais [...]. Imerso com encantamento e crítica no processo de crescimento da cidade no período, o autor nos oferece uma visão dos aspectos mais sensíveis (e por isso mesmo menos acessíveis) da urbanização do espaço da cidade e de seus habitantes. A minúcia com que são bordados detalhes referentes a essa temática revela, nesse autor, o que denomino como um *temperamento etnográfico*. [...] As peculiaridade do olhar lançado por João do Rio ao seu redor mostram um aguçado senso de percepção das relações sincrônicas, tão caro à epistemologia do trabalho etnográfico (O’DONNELL, 2008, p.7-9).

³ A primeira edição da obra, publicada pela livraria Garnier, em 1904, tornou-se um *best-seller*, com tiragem de 10 mil exemplares. De acordo com João Carlos Rodrigues, na apresentação da reedição da obra pela José Olympio (2015), há certa coincidência e semelhança de abordagem nos textos de João do Rio e de Jules de Bois, autor de uma série intitulada *Les petites religions de Paris*, publicada no jornal *Le Figaro*, em 1898.

O repórter João do Rio fez aquilo que a tradição *scholar* exalta como essência da prática da reportagem: “sujar os sapatos”; “colocar o pé na lama”; “ir às ruas”. Atitudes raríssimas naqueles tempos de um jornalismo ainda ensimesmado em priorizar artigos de fundo que exaltavam autores e suas ideias. As páginas dos jornais e revistas não eram espaço de destaque da reportagem. Os textos ainda não revelavam um fazer jornalístico que abarcasse o traquejo do olhar o outro, perceber o outro, sentir o outro e, especialmente, dialogar com o outro.

Os textos de João do Rio publicados na *Gazeta de Notícias* têm alguns dos traços com os quais vamos alinhar as reportagens selecionadas para este artigo. Em uma conferência que posteriormente foi publicada na *Gazeta de Notícias*, em 29 de novembro de 1905, sob o título “A rua”, João do Rio explicita a importância dela como espaço de observação da dinâmica social na modernidade:

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres [...]. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas (RIO, 1997, p.48).

Ele continua:

Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, *snoobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (RIO, 1997, p.55-56)

As reportagens de João do Rio articulam alguns dos princípios que Cremilda Medina traça como recomendação para uma narrativa densa no jornalismo. Destacamos: o aprofundamento do contexto; a humanização do fato/protagonismo; as raízes do acontecimento e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas.

Vamos a um segundo sujeito-repórter emblemático de outrora. Eugênia Brandão⁴, nascida em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1898. Neta de um Barão, de família abastada, a menina Eugênia, entretanto, viveu o luxo e a educação primorosa apenas na infância. Com o pai falecido, mãe e filha saem de Minas rumo ao Rio de Janeiro. E lá, Eugênia, depois de alguns empregos, chega à redação de um jornal recém-inaugurado, “A Rua” [ei-la aqui novamente], cuja sede funcionava na Rua do Ouvidor. A narrativa dessa história pode ser lida em *Eugênia Brandão, a primeira repórter do Brasil*:

[...] Na redação do jornal *A Rua* chega alguém. O rosto ainda é desconhecido pela maioria. Chapéu de feltro, mãos descobertas, sapato bico fino bem lustrado, gravata um pouco solta no colarinho, calça e paletó tão largos que caberiam ali duas delas. É Eugênia Brandão. Com passos lentos ela se aproxima e causa um misto de espanto e admiração. (ALMEIDA, 2007, p.67).

Pouco afeita às convenções sociais, emprega-se no jornal como repórter (função que não existia para mulheres na época). A irreverência e ousadia do jornal são o ambiente propício para que Eugênia protagonizasse uma experiência de reportagem de imersão em um asilo carioca.

Para investigar detalhes de um episódio que havia chocado o Rio de Janeiro, o crime da Rua Januzzi, Eugênia interna-se, em maio de 1914, no *Asylo Bom Pastor*, instituição que abrigava moças. Ficou lá por pouco mais de 48 horas, até ser descoberta sua condição de repórter. Não conseguiu desvendar a história que foi buscar, entretanto, a breve convivência com as outras jovens asiladas resultou em uma série de reportagens assinada por Eugênia Brandão sobre as condições de vida no *Asylo*, publicada entre os dias 15 e 20 de maio de 1914.

A sensibilidade dos textos e o ineditismo da imersão de uma repórter mulher transformaram Eugênia e suas reportagens em assunto recorrente nas rodas boêmias de intelectuais do Rio de Janeiro. Vejamos um pequeno trecho

⁴ As referências sobre a história desta personagem são escassas na literatura nacional. Um dos trabalhos de pesquisa que traz um levantamento rico em detalhes da vida da repórter Eugênia Brandão é o TCC, no formato de livro-biografia – *Eugênia Brandão, a primeira repórter do Brasil* – elaborado por Lara Monique Oliveira Almeida, nas Faculdades Integradas Teresa D’Ávila, em Guaratinguetá. A autora consultou o acervo do jornal “A Rua”, na Biblioteca Nacional/RJ, e entrevistou os familiares da jornalista Eugênia, que faleceu em 1948.

da reportagem *48 horas no Asylo Bom Pastor*, publicada no dia 19 de maio de 1914⁵:

[...] Arrumados os dormitórios cada uma foi tratar da sua tarefa. Algumas foram para o tanque lavar. Outras seguiram para a cozinha, outras foram engomar os paramentos da capella. Muitas ficaram na sala de aulas entregues aos seus bordados, às suas costuras, [...]. Era uma pequena colmeia [...] agora alegrada pelos sons suaves de uma piano, o único, parece, que existe na casa, e que era tocado com um certo sentimento por uma pequena morena, de lindo cabelo amarellado, e de uns olhos pretos extraordinários. Essa criatura levava uma vida aparte das outras asyladas. Estudava piano, tinha uns modos profundamente distinctos, e era de um temperamento arredio. Que fazia ali? Como se chamava? Parece-me que a chamavam pelo nome de Helena. Helena de que? Qual era sua história e a sua origem? Parecia inteligente e nervosa [...] (BRANDÃO, 1914, “A Rua”).

Os textos de João do Rio e de Eugênia Brandão são emblemáticos de uma forma de narrar o mundo, a reportagem. Quando Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro buscaram, em esforço conjunto⁶, esmiuçar a reportagem no campo empírico da produção impressa, eles estabeleceram um laço entre três pensadores – Nietzsche, Marx e Freud – com o intento de pensar a narrativa da reportagem como um ponto luminoso de resistência cultural, pautado pela experiência da rua e que experimenta desvendar, em comunhão, a realidade presente.

João do Rio. Eugênia Brandão. Os repórteres abordados nessa pesquisa⁷. Todos eles e mais centenas de outros apresentam algumas das

⁵ Grafia da citação mantida como no texto original.

⁶ Esta reflexão está em **A arte de tecer o presente**, publicado em 1973, com uma edição “artesanal”, como costuma mencionar uma das autoras, Cremilda Medina. O livro condensa uma reveladora perspectiva de olhar sobre a texto da reportagem no Brasil dos anos 1970.

⁷ Este artigo apresenta parte do resultado da pesquisa desenvolvida na tese de doutorado *O autor e o narrador nas tessituras da reportagem*, defendida pela autora deste artigo, em 2016, na ECA/USP. O trabalho de campo da pesquisa incluiu entrevistar dez jornalistas e analisar um total de vinte reportagens. São eles: Bernardo Esteves, reportagens selecionadas: *Cooperação conturbada* e *Os seixos da discórdia* (revista Piauí). César Dassie, reportagens selecionadas: *As parteiras do campo* e *Nelson da Rabeca* (programa Globo Rural, TV Globo). Christian Carvalho Cruz, reportagens selecionadas: *Crônica de uma morte à toa* e *Fóssil à deriva* (O Estado de S. Paulo). Fabíola Cidral, reportagens selecionadas: *Taxistas: histórias dos bastidores da vida* e *Vivência de olhos vendados* (rádio CBN). Juliana Carpane, reportagens selecionadas: *A nova bolha* e *Quer que eu desenhe?* (TAB UOL). Luiza Villaméa, reportagens selecionadas: *Quando meninos são fichados como terroristas* e *Como um passarinho* (revista Brasileiros). Marilu Cabañas, reportagens selecionadas: *Essas crianças tão especiais* (rádio Cultura) e *Cantoria dos idosos* (rádio Brasil Atual). Neide Duarte, reportagens selecionadas: *Quase o peso de um passarinho* e *Quase o peso de um passarinho – dois anos depois* (Caminhos&Parcerias, TV Cultura). Ricardo Brandt, reportagens selecionadas: *Crack – a geografia da droga, um desafio sem dimensão* (Estadão, multimídia) e *Crack: a geografia do vício* (Estadão, impresso). Tom Cardoso, reportagens selecionadas: *O fruto proibido* (revista Alfa) e *O escritor e seu duplo* (Valor Econômico).

facetas mais emblemáticas da elaboração de uma reportagem, um texto singular da prática jornalística. Um texto que exige a articulação de quatro elementos essenciais: 1 – observação atenta e sensível dos fatos e personagens; 2 – experiência *in loco* (isto é, ir aos acontecimentos); 3 – diálogo com distintas fontes de informação/personagens; 4 – costura de visões/opiniões/vozes na elaboração do texto. É na junção destes quatro elementos que se dá a densidade da reportagem.

Em qualquer dos elementos (observação/experiência/ diálogo/costura), o repórter é instigado a ir ao outro em busca de percepções, relatos e análises que procuram dar pistas da história do presente por meio de múltiplas vozes, múltiplos olhares. A rigor, a reportagem jamais poderia prescindir da dialogia⁸ e da polifonia⁹. Tal qual nos aponta Cremilda Medina, o repórter é um “relacionador de vozes e gestos” que busca partilhar no texto uma “construção social dos sentidos”:

A construção social dos sentidos acontece na rua, no cotidiano e na oratura cujas marcas de estilo revelam a poesia dos cantadores anônimos. Ao relacionador de vozes e gestos cabe coletar esses textos, ligá-los e os sentidos da produção intertextual. Que faz o poeta que se consagra no registro? Toma de empréstimo o imaginário coletivo porque o carrega colado à consciência literária, num afloramento constante do vulcão inconsciente. (MEDINA. 2003, p.74).

Repórter e reportagem são indissociáveis. Sujeito e obra. Ambos estão circunscritos em um rol de procedimentos, regras, normatizações que balizam a proposição do tema (pauta), o processo de apuração e a feitura do texto. O *modus operandi* utilizado para a elaboração de uma reportagem alinhava-se também com o veículo, com uma política editorial, com as condições de apuração. É a arquitetura do fazer.

Arquitetura do fazer, o nascer da reportagem

Como nasce uma reportagem? A proposição da pauta é o momento que dá início ao processo que culminará no texto final. Das 20 reportagens selecionadas para esmiuçarmos nesta pesquisa, temos um amplo leque de

⁸ Em Buber, a dialogia consiste em um movimento básico que é “voltar-se-para-o-outro”.

⁹ Em Bakhtin, a polifonia é a capacidade de articulação interativa de pontos de vista no texto.

possibilidades de *start* da pauta que nos permite inferir uma rica dinamicidade e múltiplas possibilidades de elementos que podem ser disparadores de propostas de pautas.

Uma observação prosaica do cotidiano, uma cena que salta aos olhos, uma sugestão de leitor/telespectador/ouvinte atento, uma curiosidade... A pauta nasce de modos mil. Nasce também alinhavada com um importante fio: de onde estou falando (qual é o veículo de comunicação e qual é a sua política editorial). Pautas são impulsionadas por perguntas, por indagações, por estranhamentos. Aqui começam a ser estabelecidas as primeiras conexões que, muitas vezes, permitem-nos compreender as escolhas e as estratégias narrativas adotadas *a posteriori*.

Vejamos o que nos dizem alguns dos repórteres sobre a forma como surgiram algumas das propostas de pauta observadas para essa pesquisa.

César Dassie, repórter do Globo Rural, fala sobre *As parteiras do campo*:

Bom, a reportagem das parteiras surgiu assim: eu vi uma matéria da Neide Duarte [...] na TV Cultura. Gostei do tema e fiquei uns cinco anos tentando desenvolver a pauta. Comecei a apurar alguma coisa aqui, outra ali. E o tempo foi passando. Até que chegou um dia, meu chefe falou: “você vai viajar, não sei para onde ainda”. Eu falei: “eu já sei para onde! Posso começar a produzir?” Ele disse: “Pode!” Foi aí que, efetivamente, eu liguei para as parteiras... Enfim, comecei a levantar, de verdade, o material.

Christian Carvalho Cruz, do jornal O Estado de S.Paulo, relembra os o surgimento da reportagem *Fóssil à deriva*:

A reportagem nasceu de uma matéria pequena, que tinha saído na versão online do Estadão e também saiu no papel. Era um texto do José Maria Tomazela, que é de Sorocaba. É um repórter muito bom para identificar histórias assim, mas nunca dão espaço para ele fazer direito. Quando eu li, fiquei intrigado: “quem é o cara que descobriu o batelão?” Aí sugeri a pauta. No Aliás, acho que temos a sorte de ter bons chefes que bancam este tipo de coisa. Eu já tive chefe ruim de olhar e falar: “não, você vai fazer uma página inteira disso? De um anônimo que descobriu um batelão?”

Fabíola Cidral, da rádio CBN, conta como nasceu a proposta da reportagem *Taxistas: histórias dos bastidores da vida*:

A série dos taxistas foi uma pauta sugerida pela minha diretora. Ela queria algo especial que a gente pudesse concorrer no prêmio CNT. Propôs que fosse uma série de reportagens e disse: “pode criar o que você quiser.” Pensei: “que desafio, não é? Pô, taxista tem muita história de vida. Vou trazer nessa reportagem as narrativas que os taxistas têm para contar, porque eles são os maiores ouvidores de histórias”.

Neide Duarte lembra como surgiu a ideia da pauta de *Quase o peso de um passarinho* para o Caminhos&Parcerias, na TV Cultura.

Essa pauta surgiu com uma matéria que tinha saído na Folha de S.Paulo falando de São José da Tapera, que tinha o menor IDH do Brasil, naquele momento, em 1999. Era o menor IDH e com maior índice de mortalidade infantil do país. Era brutal, coisa de um país em guerra civil. O programa buscava encontrar uma situação de dificuldade e que tivesse alguém realizando algum tipo de trabalho. Lá havia a ONG Visão Mundial fazendo a multi-mistura para combater a desnutrição infantil. Daí, a produção entrou em contato com a ONG e fomos. Eu considero este programa o ponto alto do Caminhos&Parcerias. Foi o máximo que a gente atingiu.

Luiza Vilaméa detalha como foi pensada a série *Filhos do Brasil* para a revista Brasileiros.

Eu estava em casa, no comecinho de 2013, conversando com um amigo jornalista, tomando um vinho. Comentei que queria fazer uma série para chegar ao final do ano e não ter apenas um monte de reportagens esparsas. Conversando, pensando alto... Aí eu disse, já fiz centenas de reportagens sobre episódios da ditadura militar no Brasil, sobre os mais variados personagens, mas nunca pensei nas crianças afetadas. [...] nós jornalistas esquecemos do impacto da ditadura na vida das crianças e adolescentes. Os adultos sempre foram os principais protagonistas. Então, pensei: “vou fazer as crianças”. Peguei um papel e fiz uma lista na hora mesmo. Eu me recordava de uns 14 casos. Os netos da Tercina, que foi a costureira da Lamarca... Fui listando, de memória mesmo.

Marilu Cabañas observou uma situação incomum para chegar à pauta da reportagem *Cantoria dos idosos*, veiculada na Rádio Brasil Atual.

Eu caminhava no Parque da Água Branca. Saio para andar pelas ruas do meu bairro e quando dava um tempinho eu ia para o Parque. Eu estava passando e vi alguém cantando, com um violão. Falei assim: “nossa, que interessante...” [...]. Fiquei parada. Adoro música e fiquei ali. [...] Fiquei fuçando a história, mas com ar de curiosa somente. Até que chegou um ponto que eu falei: “ah, sou repórter e queria fazer uma matéria com vocês, posso?”.

Ricardo Brandt conta o processo de elaboração da pauta para o especial multimídia *Crack – A geografia da droga, um desafio sem dimensão*, veiculado no portal do Estadão.

A pauta dessa reportagem surgiu assim: o Bovo [Luis Fernando] tinha acabado de votar de Ibitinga, no interior de São Paulo, me ligou e falou: "cara, é surreal o que está rolando lá. Atrás do cemitério é um bairro que ninguém vai, tem uma crackolândia. Só se fala nisso na cidade. Precisamos fazer um especial sobre o crack no interior". Isso foi no início de 2014. Como ele era o diretor-executivo do Portal Estadão, a proposta era fazermos um especial multimídia. Até aquele momento, a gente não tinha ideia do tamanho do projeto, nem dos custos, nada. Começamos assim. Fiz uma primeira triagem, averigui se a pauta ia render mesmo. Fiz levantamentos e tal.

A pauta de uma reportagem tem o dinamismo da vida cotidiana. É possível captar este dinamismo quando verificamos os caminhos trilhados em cada situação citada. Por vezes, um tema pode ficar “na gaveta” por meses ou anos, até que surja um gancho atual que reinsira o assunto nas questões do momento. O olhar atento e cuidadoso do repórter é um dos principais ingredientes para que o cotidiano “salte aos olhos”. Cremilda Medina (2008) considera que esta é uma busca por decifrar “a complexidade dos acontecimentos”, aliando “nexos histórico-culturais” com o “protagonismo social” e as “vozes de especialistas”. São os passos que o repórter pode dar rumo à “poética da interpretação”, característica da reportagem.

Em consonância com a razão sensível, como sugere Cremilda Medina, a pauta transita no binômio da objetividade e da subjetividade do tema. No campo da objetividade, temos elementos como: linha editorial do veículo/programa, condições concretas para apurar o tema, acesso às fontes de informações e aos locais onde foram protagonizados os fatos/acontecimentos. No campo da subjetividade, temos elementos como: olhar sensível e atento do repórter para perceber todas as nuances da pauta e seu dinamismo, uma sintonia entre equipe de reportagem e editor.

A pauta é um mapa de apuração, um guia que conduz, inicialmente, o repórter rumo aos personagens/fontes que ajudarão a desvendar e compreender aquele fragmento do cotidiano. É o fio que conduz o repórter ao encontro com o outro.

Arquitetura do fazer, diálogos com o outro

Ir ao outro de forma intensa é sair de si. É lançar-se na aventura humana com todo o desprendimento que isso carrega. O repórter vai ao encontro dos protagonistas dos acontecimentos com o intuito de ver, observar, ouvir, sentir. É uma atitude que pode desencadear um diálogo efetivo ou apenas promover um encontro superficial, monológico e pautado por mecanicismos. Impulsionado pelas indagações e questionamentos que foram propostos na pauta, o repórter lança-se em busca de possíveis respostas e procura encontrá-las articulando um conjunto de fontes de informação.

O pesquisador Raul Osório Vargas, na sua dissertação de mestrado defendida na ECA/USP, fala sobre o reconhecimento do outro como elemento vinculante na construção da narrativa na reportagem.

No fundo, a filosofia que corresponde à procura da realidade na reportagem, para fazer dela uma narrativa [...], está vinculada ao reconhecimento do outro, que pode acontecer de mil maneiras a partir do cotidiano, da atualidade, dos contextos sociais e culturais, da história dos fatos e do subjetivo Ser Humano, porque este último também forma parte da vida real (VARGAS, 1999, p.22).

Recorremos aos jornalistas entrevistados e verificamos que a observação, a escuta e o diálogo exigem tato, mediação, maestria, sensibilidade. Do conjunto da amostra de textos analisados nesta pesquisa, temos um leque variado de situações nas quais podemos compreender os caminhos rumo ao outro na apuração das reportagens. A busca pelo diálogo requer “desempenho e toque humano”, é o que propõe Cremilda Medina.

A entrevista jornalística, entre o momento da definição da pauta e sua consecução, passa por quatro níveis. Como se fossem quatro ampliações de propósitos – explícitos ou implícitos – do comunicador social. Primeiro pesa o suporte delimitado pelo estágio histórico da técnica comunicacional. Segundo, o nível de interação social almejado pelo entrevistador. Terceiro, suas possibilidades de *criação* e de ruptura com as rotinas empobrecedoras das empresas ou instituições comunicacionais. Quarto, um propósito que ultrapassa os limites da técnica imediatista, ou seja, a tentativa de *desvendamento do real* – uma atitude profunda de especulação acerca da pauta (MEDINA, 2001, p.27).

Atingir os propósitos de *criação e desvendamento do real* significa caminhar rumo à dialogia e contribuir para que a narrativa da reportagem ganhe fôlego e densidade. Mas este caminho não é tranquilo nem simples.

Vamos destacar três elementos de análise para perceberemos algumas diversidades no conjunto de 20 reportagens selecionadas:

1 – Quanto ao número de entrevistados. Uma reportagem pode ter apenas um entrevistado, como é o caso do perfil *O escritor e seu duplo*, de Tom Cardoso, que fala do escritor João Ubaldo Ribeiro. Pode buscar um amplo leque de falas, das quais se almeja uma representatividade, como é o caso da reportagem *As parteiras do campo*, de César Dassie, com mais de 40 parteiras entrevistadas; e da reportagem *Taxistas: histórias dos bastidores da vida*, de Fabíola Cidral, com quase uma centena de taxistas entrevistados. Já na reportagem *A nova bolha*, de Juliana Carpanez, há a presença de nove entrevistados.

2 – Quanto à posição dos entrevistados. Uma reportagem pode estabelecer conexões entre diferentes pontos de vista ou perspectivas de olhar. Os pontos de vista podem ser conflitantes ou complementares. As perspectivas podem indicar um olhar técnico, histórico ou de vivência real do problema. Por exemplo, a reportagem *Os seixos da discórdia*, de Bernardo Esteves, caminha *pari passu* com um embate de duas correntes teóricas, e os entrevistados são todos do mundo da pesquisa acadêmica. Um segundo exemplo é a reportagem *Crack – A geografia da droga, um desafio sem dimensão*, de Ricardo Brandt, na qual a pauta é explorada com algum nível de conflito (entre as políticas públicas federal e estadual) e muitas perspectivas de olhares (saúde, usuários, familiares, gestão pública etc).

3 – Quanto ao tipo de entrevistado. Uma reportagem pode lidar com fontes institucionais, fontes anônimas... A fala de uma pessoa que ocupa um cargo relevante não pode ser dissociada do lugar institucional no qual ela está inserida. Ao mesmo tempo, o anônimo é um cidadão que pode ter na reportagem uma rara oportunidade de visibilidade das suas vivências/necessidades. Na reportagem *Essas crianças tão especiais*, Marilu Cabañas lidou com esta dicotomia: as fontes oficiais (gestores públicos) e as crianças/professores que viviam a experiência da educação inclusiva. Na reportagem *Quase o peso de um passarinho*, de Neide Duarte,

as mães dos desnutridos e as crianças – fontes anônimas – ganham protagonismo na narrativa.

4 – Quanto à receptividade dos entrevistados. Um dos elementos mais sutis da busca pelo diálogo envolve empatia, momento oportuno, capacidade do repórter em administrar uma tensão. Na reportagem *Crônica de uma morte à toa*, de Christian Carvalho Cruz, há o delicado processo de se aproximar de uma família em luto. Já na reportagem *Quando meninos são fichados como terroristas*, Luiza Villaméa tem a árdua tarefa de dialogar com as lembranças longínquas e sofridas de crianças que foram torturadas.

O encontro e o diálogo com as fontes e os personagens das reportagens colocam o repórter diante de situações variadas. A cada pauta, a cada encontro, um novo processo. Se nos detivermos em trechos das entrevistas de Christian Carvalho Cruz, Neide Duarte, César Dassie e Luiza Villaméa podemos perceber algumas conexões do caminho que eles percorreram rumo ao outro na entrevista. As metáforas do diálogo surgem nas falas dos repórteres.

Eu sempre vou quase “vazio” para esses encontros. Estou interessado, realmente, nessas pessoas, quero saber o que elas têm para contar, não é só o meu interesse jornalístico. É o meu interesse de vida, [...] me deixa contaminar. Acho que é daí que eu vou tirar o jeito de escrever. (Christian Carvalho Cruz)

Tenho muito isso de me identificar com a pessoa que está contando uma coisa, de sentir meio o que ela está sentindo, sabe? [...] Essa identificação me dá uma luz. Me mostra como pensam as pessoas ali. A partir dali, eu tenho que fazer minha reportagem. É o olhar delas. É claro que eu sei o caminho que eu quero levar. Então, vou tentando levar para o meu caminho. (Neide Duarte)

Estabelecer o diálogo não é uma coisa fácil. A ideia é estabelecer um diálogo, antes que ele se torne um produto, antes dele se tornar a reportagem. Tentamos deixar a reportagem o mais natural possível. E aí a gente tenta fazer uma conversa e não uma entrevista. Eu acho que isso faz a diferença. E as pessoas entendem. Por mais que não entendam de televisão, entendem de conversa, de pessoas. Aí quando elas se desligam do aparato tecnológico, a coisa flui. (César Dassie)

Para fazer reportagem é preciso gostar de gente, tem que gostar de gente, gostar de história, gostar de ouvir as pessoas. Tem que saber

ouvir estas pessoas e tem que gostar de compartilhar as histórias das pessoas, sejam elas boas ou ruins. (Luiza Villaméa)

Os caminhos em busca do outro conduzem os repórteres a possíveis tensões, acasos, contatos refratários. O encontro com as fontes pode explicitar a necessidade de rever o caminho da pauta ou aprofundar um caminho já trilhado:

A ideia inicial era mostrar que emoji poderia deixar o nosso vocabulário cada vez mais pobre. “O emoji está deixando a gente mais burro”, foi o caminho. Comecei a falar com algumas pessoas, e aí todos derrubavam essa ideia. Eu voltei para o Tozzi [Daniel Tozzi, editor] e falei: “não é nada do que a gente estava pensando”. Aí a gente repensou o foco, mas não era o caso de derrubar a matéria. (Juliana Carpanez)

Como eu tive o tempo de um mês para ler, para estudar, quando tive contato efetivo com as fontes, já tinha claro o que queria saber, qual a importância dela nesse cenário. A abordagem da matéria tinha muitas interfaces: saúde, segurança pública, gestão pública – estadual e federal, pesquisa acadêmica. Acho que a rua, o pé no chão, deu liga, porque eu estabeleci essa ordem: primeiro estudar e depois partir para a imersão *in loco*, para construir a amarração com o empírico. (Ricardo Brandt)

Cientes de todas as possíveis nuances que a busca do diálogo com o outro encontra no caminho da elaboração de reportagens, recorremos a Martin Buber com o intuito de alinhavar as premissas de uma “conversação genuína”, como ele define:

O principal pressuposto para o surgimento de uma conversação genuína é que cada um veja seu parceiro como este homem, como precisamente este homem é. Eu tomo conhecimento íntimo dele, tomo conhecimento íntimo do fato que ele é outro [...]. Tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e, contudo, e, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzem, experienciá-lo em toda sua concretude (BUBER, 2014, p.58).

Entre o momento no qual a pauta é definida, a apuração é feita e a reportagem é elaborada, temos um percurso de escutas múltiplas. Nossa pesquisa indica o quanto a escuta sensível e a busca genuína pelo diálogo potencializam narrativas densas que impulsionam a “construção social dos sentidos” (MEDINA, 2003) que tornam a reportagem um texto ímpar na ressignificação da realidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lara Monique O. **Eugênia Brandão**: A primeira repórter do Brasil. [Trabalho de Conclusão de Curso/livro-biografia]. Guaratinguetá/SP: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 2007.
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10ª ed., 5ª reimpressão, São Paulo: Centauro, 2013.
- CRUZ, Christian Carvalho. **Entretanto, foi assim que aconteceu**: quando a notícia é só o começo de uma boa história. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2011.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista**: o diálogo possível. 4ª ed., São Paulo: Ática, 2001.
- _____. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. **Atravessagem** – reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.
- MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Média, 1973.
- MARTINS, Jaqueline Lemos. **O autor e o narrador nas tessituras da reportagem**. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2016.
- _____. **Estratégias Narrativas em Reportagens: da Emancipação Autoral às Múltiplas Facetas dos Narradores**. São Paulo: Intercom, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário – tradição e inovação**. Série Jornalismo a Rigor. V.10. Florianópolis: Insular: 2016.
- O'DONNELL, Julia. **De olho na rua**: a cidade de João do Rio [edição digital] Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- RIO, João do. **As religiões no Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- VARGAS, Raul Hernando Osorio. **A reportagem literária no limiar do século 21**. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: ECA/USP, 1998.
- _____. **O lugar da fala na pesquisa da reportagem**: o homem das areias, um flagrante do diálogo oratura-escritura. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2003.
- ### Reportagens analisadas
- BRANDT, Ricardo. Crack – A geografia da droga, um desafio sem dimensão, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: 01 de jun. 2010. [multimídia]

- Crack – A geografia do vício, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: Caderno Metrópole, 02-04 de jun. 2014. [jornal]
- CABAÑAS, Marilu. Essas crianças tão especiais, **Atenção Brasil**, Cultura, São Paulo: out. de 2004. [rádio]
- Cantoria dos idosos, **Brasil Atual**, São Paulo: 11 de jun. de 2013. [rádio]
- CARPANEZ, Juliana. A nova bolha, **TAB UOL**, UOL, São Paulo: 24 de nov. de 2014. [multimídia]
- Quer que eu desenhe?, **TAB UOL**, UOL, São Paulo: 02 de fev. de 2015. [multimídia]
- CARDOSO, Tom. O fruto proibido, **Alfa**, São Paulo: p.100-105, dez. 2012. [revista]
- O escritor e seu duplo, **Valor Econômico**, Valor&Fim de Semana, São Paulo: p.20-23, de 07-09 de fev. 2014. [jornal]
- CIDRAL, Fabíola. Taxistas: Histórias dos bastidores da vida, **Rádio CBN**, Jornal da CBN, São Paulo: 06-10 de out. de 2006. [rádio]
- CIDRAL, Fabíola; CHAVES, Pétria. Vivência de olhos vendados, **Rádio CBN**, Caminhos Alternativos, São Paulo: 7 de mar. de 2009. [rádio]
- CRUZ, Christian Carvalho. Crônica de uma morte à toa, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo; Caderno Aliás, p.J8, 6 de set. 2009. [jornal]
- Fóssil à deriva, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: Caderno Aliás, p.J8, 19 de set. 2010. [jornal]
- DASSIE, César. As parteiras do campo, **Globo Rural**, TV Globo, São Paulo: 20 de set. de 2009. [TV]
- Nelson da Rabeca, **Globo Rural**, TV Globo, São Paulo: 21 de nov. de 2010. [TV]
- DUARTE, Neide. Quase o peso de um passarinho, **Caminhos&Parcerias**, TV Cultura, São Paulo: 01 de jan. de 2000. [TV]
- Quase o peso de um passarinho – dois anos depois, **Caminhos&Parcerias**, TV Cultura, São Paulo: 09 de dez. de 2001. [TV]
- ESTEVEZ, Bernardo. Cooperação conturbada, **Piauí**, Rio de Janeiro: p.42-47, jul. 2012. [revista]
- Os seixos da discórdia, **Piauí**, Rio de Janeiro: p.32-37, jan. 2014. [revista]
- VILLAMÉA, Luiza. Quando meninos são fichados como terroristas, **Brasileiros**, São Paulo: p.54-65, mar. 2013. [revista]
- Como um passarinho, **Brasileiros**, São Paulo: p.66-75, mai. 2013. [revista]